

## EDITORIAL

Eduardo Ferreira Chagas  
Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho

Na segunda parte do *Dossiê Filosofia da Técnica e Educação* recolhemos significativas contribuições de pesquisadores do Brasil e do exterior sobre essa temática tão abrangente e, ao mesmo tempo, tão atual. Nesse sentido, como veremos, foram discutidos os desafios de se pensar a formação das subjetividades no contexto da sociedade capitalista, considerando-se o uso das novas tecnologias associadas à racionalidade técnico-científica.

No primeiro artigo, intitulado *Fenomenologia e educação: as bases husserlianas e suas implicações metodológicas* de Victor Leandro da Silva (UEA) e Thaise Silva Ferro Gomes (SEDUC – AM) o objetivo dos autores foi o de retomar os princípios epistemológicos da fenomenologia de Edmund Husserl, em especial, no que tange à relação sujeito-mundo, para, com base em suas proposições, articulá-las à discussão na pesquisa educativa envidada pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty.

No segundo artigo, de Giuliano Facundo (Universidad de Buenos Aires), de título: *La razón evaluadora en Paul Ricoeur: trazos para un desarme de la máquina que injusticia* o autor procurou explorar e confrontar a racionalidade avaliadora das instituições de ensino que o mesmo chamou, em uma tradução livre de nossa parte, de “máquina de extermínio” de subjetividades. Para isto, salienta Facundo, foi preciso explorar as principais obras e intervenções teóricas de Paul Ricoeur para, certo modo, visualizar a progressão de sua argumentação e discuti-las com certo detalhe.

No terceiro artigo, com o título *Condição: sociedade, eficácia e sentido no pensamento de Eric Weil*, Daniel Benevides Soares (FCF) nos diz que compreender o avanço da técnica, na sociedade hodierna, significa entendermos a sociedade ao qual estamos inseridos. Contudo, apesar do viés crítico adotado nessa análise, orientado, claramente, pelo viés weisiano, o autor nos alerta que não se trata de propor uma rejeição dos benefícios da técnica moderna. Entretanto, é importante reconhecer sua especificidade e as suas limitações e chamar atenção para as consequências nefastas ao qual ela se apresenta, sobretudo, em mundo tão socialmente e economicamente tão desigual, a saber: a violência.

No quarto artigo, de Oscar Pérez Portales (PUC-RS) e Agemir Bavaresco (PUC-RS), intitulado *Aparecimiento y fetichismo: La ciencia de la lógica en la crítica de*

*Marx al capital*, os autores procuraram estudar a evolução do tratamento marxiano, sobre a questão do fetichismo, enfatizando sua transformação em método de reflexão a partir do encontro com a *Ciência da lógica* de Hegel.

No quinto artigo, *Considerações sobre a tecnologia no processo de trabalho e de valorização do valor com base em Marx* escrito por Artemis Martins (IFCE) e Eduardo Chagas (UFC/CNPq), os autores procuraram tecer considerações gerais acerca da questão da tecnologia em Marx, bem como o papel que ela exerce no processo de trabalho e no processo de valorização do valor. Para tal, os pesquisadores constataram que no capitalismo a tecnologia está diretamente relacionada à divisão social do trabalho e que ela contribui para a fragmentação da autoatividade humana submetendo as capacidades físicas e intelectuais do trabalhadores aos interesses do capital. Essa separação resulta no domínio técnico como fator predominante de acesso e apreensão da população trabalhadora, possibilitando a exploração do trabalho e, por conseguinte, o crescimento do excedente da produção – a acumulação do capital.

No sexto artigo, de autoria de João Bosco Brito do Nascimento (UERN), intitulado *Tecnicismo, trabalho e educação em Marx*, o autor nos informa que o objetivo da sua pesquisa é dissertar sobre o modo como Marx trata o processo da técnica no panorama contraditório da relação entre capital e trabalho. Vê-se, a partir dessa formulação, salienta Nascimento, como o tecnicismo está presente na estrutura produtiva do capitalismo e como isto reverbera na educação escolar. Apesar dos efeitos deletérios desta relação, entre educação, capital e trabalho, o referido professor aponta que a educação integral do homem, no sentido que Marx a atribui, configura em uma das saídas possíveis para a emancipação da classe trabalhadora, revertendo assim, o processo de exploração do homem pelo homem, em liberdade de toda à sociedade humana.

No sétimo artigo, *E a filosofia: ausência e necessidade* de Jefferson da Silva (PUC-SP) e Marcius Tadeu Maciel Nahur (UNISAL) os autores asseveram que o artigo busca refletir sobre a importância da filosofia como conhecimento humano e sua relação com as demais disciplinas humanas. Para isso, lembram Silva e Nahur, sem dirimir a importância do avanço tecnológico e das conquistas científicas, faz-se necessária a retomada da importância da filosofia, isto é, o ato de filosofar como possibilidade de crítica e fundamento para demais ciências e ainda da própria realidade.

No oitavo artigo, de Maria Celeste de Sousa (FCF), intitulado *O homem na era digital*, a autora afirma que o seu artigo procura refletir sobre a problemática do transhumanismo, tema antropológico persistente nas Ciências Humanas e, que é trabalhado, entre outros, pela filósofa portuguesa Maria Assumpta Coimbra, da Universidade do Porto. Sousa nos alerta que o seu estudo está dividido em duas partes: a primeira versa sobre a cibercultura, o mundo como uma imensa teia digital e enfoca a influência da revolução tecnológica digital na cultura, na educação e nas ciências; e a segunda diz respeito sobre a transformação do humano em transhumano e reflete sobre o impacto das tecnologias digitais na natureza e na subjetividade gerando, ao mesmo tempo, um logos-transumano e uma supranatureza.

No nono artigo, *Comentários para uma educação estética da humanidade* de Ive Braga (Instituto Singularidades), a autora nos diz que o seu ensaio tem como objetivo apresentar elementos que permitam promover reflexões acerca da formação do indivíduo na sociedade administrada, bem como sua relação com os modos de produção e circulação da cultura, seus processos, instituições, possibilidades e limites. Para tanto, o seu estudo pauta-se na exploração de conceitos de autores da primeira geração da Escola de Frankfurt. Abstendo-se, contudo, nos diz ela, da necessidade de indicar resultados e conclusões pontuais; sua análise visa promover debates sobre os limites e alternativas possíveis para o enfrentamento da realidade objetiva com vistas para uma educação estética de humanidade.

No décimo artigo, escrito por Ralph Leal Heck (UFC), intitulado *Integração dos objetos tecnológicos e sua dimensão normativa ao inferencialismo pragmático*, o autor nos diz que duas questões balizaram a sua pesquisa: em que sentido os objetos tecnológicos trazem intrinsecamente um caráter prático e normativo e como podemos concebê-los nestas dimensões, tomando-as em um caráter constitutivo? Por esta razão, salienta Heck, estes objetos tecnológicos podem ser projetados para estender ou realizar ações no plano das práticas constitutivas do humano enquanto tal. Para tal, na perspectiva de Brandom, ao qual o autor se utiliza, estas práticas constitutivas correspondem à dimensão linguístico-pragmática. Como veremos.

No décimo primeiro artigo, *Seria a banalidade do mal um caminho para a compreensão da violência escolar?* de Pâmela Esteves (UERJ), a autora nos informa que o objetivo do seu estudo é investigar as práticas de violência que desafiam o cotidiano

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 9	n. 19	Agosto – Dezembro 2020	p. 8 - 12
--------------------------	-------	-------	------------------------	-----------

escolar. Para a pesquisadora, trata-se de buscar compreender as estruturas que possibilitam a construção e a sustentação dessas práticas. É com esse desejo de compreensão que Esteves se coloca em companhia de Hannah Arendt e Immanuel Kant, com o propósito de identificar o mal como uma fonte estrutural na formação das práticas violentas que se configuram nas relações escolares.

No décimo segundo artigo, de autoria de Manoel Dionizio Neto (UFCG), intitulado *Educação e tecnologia: a reafirmação do ensino tradicional nas inovações tecnológicas*, o autor nos diz que o propósito do seu estudo é o de pensar a educação em meio à tecnologia, com ênfase ao que está posto como ensino remoto, considerando-se para isto a significação dessa modalidade de ensino em relação à crítica à educação tradicional. Neste sentido, parte-se, nos diz Neto, das noções fundamentais do que se consolidou historicamente como educação tradicional, objeto de crítica, sobretudo a partir do século XVIII, e ao mesmo tempo base para diferentes modalidades de ensino que, por sua vez, alimentam características essenciais que lhe são próprias.

No décimo terceiro artigo, *O ensino da filosofia no Brasil: ameaças e descontinuidades* de Antonio Basilio Novaes Tomaz de Menezes (UFRN) e Roberto Ribeiro da Silva (UFRN), os autores nos informam que sua pesquisa busca através de uma cuidadosa análise histórica das legislações que influenciaram a presença ou ausência da disciplina de Filosofia no Ensino Médio no Brasil. O objetivo do estudo de Menezes e Silva é analisar a história desta disciplina e suas legislações, para exata consciência das oscilações e truncamentos políticos que foi submetida, de acordo com os cenários e interesses políticos a cada tempo da história do nosso país.

No décimo quarto artigo, escrito por Nestor Francisco Rambo (UFRGS), intitulado *A educação em rede em época de pandemia no Estado neoliberal brasileiro: por uma vida mais solidária e de acolhimento, para a pandemia e crises se repetirem menos!*, o autor assevera que em tempos de pandemia, quando pensamos na superação da crise, é preciso uma responsabilidade no conjunto da sociedade. Os Estados, escolas, empresas, sindicatos e universidades precisam (re)pensar estratégias de cooperação entre os homens. Nesse sentido, nos diz ele: “urge, que o Estado, o MEC e os políticos valorizem o professor com melhores condições de trabalho e salário”. A responsabilidade e a solidariedade, são dimensões inseparáveis da ética. “Se me sinto responsável, também me sinto solidário”, eis o imperativo ético defendido por Rambo.

No décimo quinto e último artigo no nosso dossiê, escrito conjuntamente por Marcelo Vicentin (USF), Rogério de Melo Grillo (UNICAMP), Eloisa Rosotti Navarro (UFSCAR) e Márcio Moterani Swerts (USF) intitulado *O dia “D” da educação mineira: jogos estratégicos de poder-saber*, tem por objetivo problematizar, suspeitar e analisar criticamente o discurso presente nos documentos específicos do Dia “D” da Educação de Minas Gerais, visando depreender como se dão os jogos de estratégias de poder-saber, principalmente, em torno da expressão Dia “D”.

Ademais, contamos com três artigos em nosso Fluxo contínuo: o primeiro artigo escrito em parceria entre Francisco Brandão Aguiar (UFC) e Eduardo F. Chagas (UFC/CNPq) com o título *Mikhail Bakhtin e Karl Marx: consciência e linguagem*; o segundo artigo também foi escrito em cooperação entre Edna Maria Magalhães do Nascimento (UFPI) e Júlio Gonçalves e Sá (UFPI) intitulado *A redescrição do filósofo: o ironista liberal*; e, por fim, o terceiro artigo de autoria de Daniel Artur Emídio Branco (UFC) com o título *Saul Kripke: a crítica à teoria descritivista dos nomes próprios*. Finalizando este número, temos o prazer de publicar a resenha da obra *Paul Ricouer* de Jean Grondin feita por Thiago Luiz de Sousa (UFMG) e a tradução do texto em francês de Gilbert Simondon intitulado originalmente de *Du mode d’existence des objets techniques* realizada pelos pesquisadores Américo Grisotto (UEL), Marcos Alexandre Gomes Nalli (UEL) e Patrícia Maria Weffort (UFPR).

Pelo que se observa da leitura atenta do presente *Dossiê*, as proposições dos autores em referência ao tema da Filosofia da Técnica e da Educação tornam esta coletânea não apenas uma das mais significativas obras publicadas em língua portuguesa sobre o assunto, como fazem-na leitura obrigatória para todos os interessados na verticalização dos seus estudos na área. O rigor da exposição e a densidade das provocações filosóficas que daqui decorrem obrigam-nos a reconhecer a relevância e a maestria de seus autores no tratamento de questões tão fundamentais para compreender a nossa situação contemporânea, marcada, de algum modo, pelas questões que aqui estão descortinadas diante de nós e que nos implicam pessoal e comunitariamente para pensar o que nos envolve.

Desejamos que desfrutem todos de uma excelente leitura.